

Sonho com “uma escrita descontínua, que não se percebesse como sendo uma escrita, que se servisse do papel em branco, ou da máquina, ou da caneta tinteiro, ou do teclado, entre tantas outras coisas, que poderiam ser o pincel ou a câmera. Tudo isso passando muito rapidamente de um a outro, uma espécie de febre e de caos”. Essa afirmação de Michel Foucault¹ respinga no exemplar n. 3 da revista ExperimentArt, que reúne um conjunto de ensaios contaminados por uma febre de escrituras heterogêneas compostas de palavras, imagens, grafismos, explosão de subjetividades, com as quais sonhou o filósofo francês. Tela e papel são seus suportes, tinta e alma seus veículos.

“A escrita é apenas um meio e não um fim”, lembra Foucault. De fato, o mais importante é o que a escrita e a imagem acionam, permitem. Ler palavras e olhar imagens é desbravar caminhos, traçar novas rotas, desenhar desvios, operar bifurcações. Esse talvez seja o desafio para pensar a escrita em ciências e em educação na contemporaneidade. Tal desafio implica, quase sempre, se descolar dos velhos modelos disciplinares dispostos nos manuais metodológicos de pesquisa para, como um *flaneur*, experimentar espaços de criação de uma escrita desejan-te.

Mas, afinal, o que desejam as escrituras aqui dispostas? Jorge Eiró, ao narrar as venturosas desditas de um artista pesquisador na construção de uma *narratese* pretende que sua *escreitura* inspire uma experiência que se aventure a criar linhas de fuga capazes de hibridizar o *ver*, o *ler* e o *escrever*: ESCREVERLER. Só assim as formas se tornam indizíveis e abertas e as palavras invisíveis, mas plenas de potências por acontecer.

1 FOUCAULT, M. Eu sou um pirotécnico. In: POL-DROIT, Roger. *Michel Foucault: Entrevistas*. Trad. Vera Portocarrero e Gilda Gomes Carneiro. São Paulo: Graal, 2006. p. 67-100.

Alberto Amaral explora *territórios* íntimos do artista plástico Tadeu Lobato em um conjunto de escrituras-pinturas que se anuncia na transversalidade da memória de um dentro que se faz fora na tela e um fora que se faz dentro na memória. Para Amaral, ao “puxar a paisagem para dentro do inconsciente, o trabalho do artista nos faz refletir sobre nossas memórias arquivadas e os limites desta reminiscência e do seu próprio campo de visibilidade da arte”.

Em *Sobre cor, poesia, docência e ensino de ciências*, Nadson Fernando Nunes da Silva e Sandra Bastos sugerem que uma escritura imagética se funda na aspiração de desempalhar a vida, quando se trata do ensino de biologia. Desempalhar a vida equivale a retirá-la do museu, esvaziá-la de suas significações usuais. Trata-se de desnaturalizar a natureza, mesticá-la com a alma humana. Só assim será possível vivenciar “uma docência que se entregue ao desafio de se inventar cotidianamente como uma obra de arte”.

Flávio Contente, Uirá Seidl Pinheiro e Ariadne da Costa Peres Contente embarcam estudantes da educação básica numa trajetória compartilhada com curupira, mapinguari, cobra grande e seus parentes míticos. Numa trilha ambiental, que mistura teatro, fotografia e música, eles demonstram como é possível religar ciência, saberes tradicionais e arte, condição *sine qua non* para fazer emergir novas sensibilidades. O intento dos autores constitui-se numa proposta de aprendizado no qual o lúdico se apresente por meio das transversalidades temáticas, criando interfaces entre o saber tradicional e o saber científico.

Josenilda Maués nos traz o hálito do sonho pós-colonial, desenhando uma vida fluxo, grávida de sonoridade e um tempo kairós incandescente, vibrante e por se fazer. É essa a pauta musical que pode se deprender do poema *Para perder-me à noite*.

Este número se encerra com a provocativa entrevista de Maria da Conceição de Almeida, fundadora e coordenadora do primeiro grupo de complexidade da América Latina, concedida a Helton Rubiano de Macedo e Margarida Maria Knobbe. Os entrevistadores se atêm a dois provocativos livros – *Quase nua* e *Palavras úmidas* – dessa intelectual “inteira que sabe fazer uso das palavras com pertinência e ousadia, dissolvendo sua singularidade individual para falar da condição humana”.

Para deleite do olhar, abrimos essa edição com a pintura “Primavera, after Miguel Chikaoka”, de Jorge Eiró, a quem agradecemos, juntamente com os demais colaboradores, pelas luxuosas participações nesse número. Que a leitura produza efervescências, provoque estranhamentos, promova novas sensibilidades e, sobretudo, seja um regozijo para todos.

Silvia Nogueira Chaves

Carlos Aldemir Farias da Silva